

Considerações finais

Enunciar a vergonha como uma revelação da catástrofe narcísica nos permitiu abordar algumas facetas do homem atual no que diz respeito aos seus aspectos constitutivos e ao mesmo tempo apontar um estilo de vida adotado nos dias de hoje, sublinhando a relevância deste estudo.

Ter percorrido a teoria da melancolia na obra de Freud foi fundamental para levantar as questões que surgiram ao longo desta tese. Esta via de investigação teórica culminou com nossa hipótese de que esta forma de sofrimento psíquico, a melancolia, enquanto estrutura discursiva, tem mais intimidade com as interrogações contemporâneas do que a histeria, tomada como modelo nos momentos seminais da Psicanálise.

Estudar a vergonha do sujeito melancólico nos fez perceber as semelhanças entre este e com determinadas particularidades do homem atual, “o neurótico normal”, em sua forma de existir na cultura ocidental. Quanto mais perto chegávamos da vergonha melancólica mais descrevíamos um sofrimento típico contemporâneo, o sentimento de sua própria insuficiência. Durante o desenvolvimento desta analogia, demarcamos as singularidades dos quadros que aproximamos. Semelhanças e diferenças foram apontadas, escapando assim de um temerário reducionismo.

Com a finalidade de esclarecer o caminho percorrido nesta tese, assim como ressaltar nossa hipótese inicial, retomaremos esquematicamente o eixo de análise adotado a título de enfatizar nossos achados e demarcar um território para pesquisas posteriores. Se estava em tempo de concluir esse estudo, isso não significa que tenhamos esgotado o assunto.

Optamos por não fazer um levantamento da melancolia através dos tempos, na medida em que isso tornaria nosso texto excessivamente amplo e tiraria o foco que desejávamos, qual seja, a forma de apreensão de Sigmund Freud deste quadro. Vale ressaltar que o verbete melancolia não se apresenta como um quadro homogêneo, podendo conter várias acepções, conforme os paradigmas vigentes em diferentes épocas. Por isso iniciamos com a correspondência trocada

por Freud e Wilhelm Fließ, e destacamos a carta de 7 de janeiro de 1895, conhecida como “Rascunho G – Melancolia”.

O ponto principal desta carta é o valor dado às inúmeras discussões a respeito das diferenças entre as neuroses atuais e as neuroses de defesa. Em meio a esta tensão territorial e etiológica a melancolia é vista como uma patologia de difícil enquadre, possibilitando a criação de um terceiro campo, algo híbrido neste momento, que margeia as categorias de neurose com que Freud lidava, mas não cabe nelas.

A grande polêmica desta discussão é a anestesia sexual presente nas queixas dos pacientes sob a forma de um sofrimento crônico que leva Freud a enunciar algo que 20 anos mais tarde será o título de um artigo crucial para nosso estudo.

Freud escreverá em 1895 que, assim como no luto, o cerne da questão na melancolia é entender a experiência de uma perda e uma tentativa de recuperação que acarreta em um prejuízo na vida pulsional. A consequência desta perda somada à insuficiência da ação específica, leva Freud a evocar a famosa metáfora do buraco hemorrágico. Este resultado do insucesso no direcionamento da excitação para os objetos externos adequados, sendo vivenciado como falta de motivação e sensação de perda de interesse, cria um paradoxo que inclui uma grande intensidade de excitação psíquica e também intensa falência de descarga motora, classicamente expressa pelo discurso depressivo.

A metapsicologia deu muitas voltas a partir de então, tendo se voltado para a sustentação da sexualidade como pano de fundo para qualquer forma de existência, normal ou patológica. Foi necessário a Freud, como dissemos, vinte anos para que as primeiras intuições de 1895 fossem retomadas dentro de um artigo que é um marco na obra freudiana sobre o tema: “Luto e Melancolia” (1917).

Neste momento o funcionamento do aparelho psíquico é sustentado por alguns pressupostos: a dualidade pulsional que opõe as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, uma topografia do aparelho composto por três sistemas, a sexualidade infantil que emerge com o apoio nas funções vitais sob os cuidados de uma ajuda alheia e um funcionamento psíquico que obedece a uma dinâmica resultante da conjugação do Princípio do prazer com o Princípio de realidade.

Até então, o narcisismo era tomado como uma fase intermediária entre o auto-erotismo e a escolha objetal. Em suas discussões com o psiquiatra Jung, em meio às discordâncias que marcaram o Movimento Psicanalítico, o campo metapsicológico que tinha se estabelecido de forma bastante satisfatória quanto à teoria da neurose, é sujeito à necessidade de uma reformulação para dar conta das constantes questões de Jung a respeito da psicose que marcaram esta época. Em resumo, os postulados teóricos propostos para a neurose ficavam a dever na explicação da psicose. Nesta circunstância, o narcisismo se torna o centro de toda uma reformulação conceitual subsequente. Deixa de ser uma etapa intermediária para ser entendido como uma estrutura permanente e necessária para a saúde psíquica dos sujeitos, além de ser um modo de funcionamento de uma fase do desenvolvimento da libido.

Constituído a partir de uma nova ação psíquica, o Eu passa a ser concebido como um objeto de investimento libidinal, o que significa uma ampliação do papel da sexualidade. Esta proposição é seguida por uma nova reformulação em que todo o aparelho psíquico passa a funcionar segundo uma nova oposição pulsional composta pela pulsão de vida e pela pulsão de morte, postulada em 1920, encerrando a polêmica com Jung a respeito da teoria da libido. Freud, por muito tempo responderá a Jung nas entrelinhas dos textos posteriores. Assim, Freud não abre mão da sexualidade, porém em textos tardios percebemos que a sexualidade está bem distante daquela inicialmente proposta.

Neste panorama, o narcisismo deixa de ser entendido como fase de desenvolvimento e leva Freud a propor uma dinâmica libidinal composta pela resultante das tendências de investimento libidinal, ou seja, o aparelho psíquico investe permanentemente o Eu (libido narcísica) e os objetos (libido objetal). Assim, o investimento erótico no Eu torna-se condição de saúde. A doença física e a paixão servem de exemplos da radicalidade destes investimentos.

Em uma reformulação de sua teoria, Freud tem a necessidade de decompor mais ainda os investimentos objetais, estabelecendo dois modelos possíveis: por apoio ou narcisista.

O Eu como uma formação psíquica, tendo a tarefa de agenciar a interface entre o psíquico e a realidade externa, leva a pensar na necessidade de um Eu coeso, capaz de realizar esta tarefa. Para isso, é proposta uma nova gênese do Eu

em que o processo de identificação é fundamental, postulado em um processo de devir que incluem em seus momentos iniciais, algumas etapas diferenciadas quanto ao modo de funcionamento e, aos graus de coesão que culminarão com o narcisismo, formando, que já chamamos anteriormente de uma estrutura que é permanente, mas plástica.

Tomando a idéia de um Eu no qual inicialmente os pais projetam toda a perfeição de valor, como prolongamento do próprio narcisismo, Freud chamou esta modalidade egóica de Eu ideal, puramente imaginária. Mas este lugar ideal vai sendo perdido pela criança na medida em que é criticada por seus pais dentro de um projeto educativo ou não. O julgamento crítico impondo barreiras à livre satisfação pulsional, operacionalizado pelo recalçamento, faz emergir um substituto daquele Eu Ideal perdido, contendo uma promessa futura sob a forma de um Ideal do Eu. Certamente, estas mudanças somente se tornam exeqüíveis se articuladas com o recalçamento e a castração. A consciência moral vai personificar as exigências dos pais, dos substitutos e da sociedade forçando o indivíduo a escolhas substitutivas às primordiais. Uma negociação é necessária colocando em jogo a perfeição narcísica em contraponto a um lugar privilegiado em relação aos pais. É necessário perder para ganhar acultramento.

A operação de perda leva Freud a escrever sobre as diferenças e semelhanças que se desenrolam durante o processo de luto em neuróticos em comparação com o que ocorre na melancolia. Existem muitas semelhanças e são enumeradas, basicamente na forma de apresentação depressiva da experiência. Uma diferença parece ser óbvia para Freud: no luto neurótico, o trabalho termina com a eleição de objetos substitutivos. Nos melancólicos, apesar de todas as semelhanças, o trabalho de luto não termina. Não queremos opor luto e melancolia por entendermos que se trata de duas categorias distintas: o luto se refere a um trabalho psíquico e melancolia a uma formação psíquica. Adotaremos a idéia, nesta conclusão, de que tanto na neurose quanto na melancolia o trabalho do luto se realiza. O que vai fazer toda a diferença, a princípio, é o fato de que na neurose há um fim, o que não ocorre na melancolia, nos autorizando a adotar a nomenclatura de luto neurótico e luto melancólico. Com isto escapamos de entender a melancolia como um luto que foi feito errado ou que o ideal do melancólico seria ser neurótico para pôr fim ao seu sofrimento.

Esse entendimento leva Lambotte (1997) a escrever que o sujeito neurótico tem em seu auxílio um recurso fantasmático capaz de criar um mundo melhor, enquanto que o melancólico tende a congelar a realidade de tal forma que nada acontece para alterar seu destino previamente marcado, sempre remetido aos mesmos impasses. Com esta perspectiva é que o “nada” passa a ser positivado, como sua marca identificatória. Nenhuma coisa é maior que o nada, daí podermos compreender sua lógica totalizante.

Assim, nos permitimos afirmar que, entre as diferenças possíveis nessas duas modalidades de luto está o direcionamento do reinvestimento libidinal após a experiência de perda. Enquanto o neurótico reinveste novos objetos externos, o melancólico direciona a libido para o próprio Eu, sendo que este Eu estabelece uma identificação narcísica com o objeto abandonado. O aforismo freudiano “a sombra do objeto cai sobre o ego” tem seu lugar de destaque e revela toda a complexidade do quadro melancólico. O Eu cindido em duas partes, em que uma vocifera contra a outra, esclarece os sintomas ruidosos que a autocrítica severa do melancólico produz, e faz ratificar a idéia de que, na neurose, o Eu perde o objeto e na melancolia, o que se encontra em jogo é uma perda do Eu.

Tomando a incorporação como protótipo da identificação, podemos aceitar que o objeto seja tratado segundo o modelo da oralidade, posto em cena pela regressão e, sendo assim, devorado e destruído violentamente, para que, paradoxalmente, possa sobreviver. O complexo melancólico é, então, composto de uma perda objetal, de um conflito que toma por base a ambivalência, e de uma regressão da libido ao estágio oral.

Podemos afirmar que a regressão à oralidade é mais um recurso do que um desfecho. Dito de outra forma, o que o melancólico não pode viver é o conflito ambivalente e, para isso, regride à oralidade para se safar desta impossibilidade vivencial. O trabalho do luto é a evidência da dimensão econômica provocada pela perda objetal. No luto neurótico, o objeto com o qual o Eu se identifica parcialmente é gradualmente abandonado para que novos objetos possam ser investidos. Daí, o aforismo “cessa o luto quando cessa a luta”.

Sete anos se passam antes que a melancolia seja descrita em uma linguagem própria da segunda tópica, como resultado do conflito estabelecido entre o Eu e o Supereu, e definida como uma neurose narcísica. A melancolia é

legitimada com uma descrição topográfica que caracteriza sua circunscrição, um quadro clínico e uma forma discursiva própria que refletem sua especificidade conflitiva.

Abraham e Torok (1995) escrevem sobre um “idílio vergonhoso” que o melancólico vivencia nos momentos em que se deixa levar por uma tentativa de investir objetos e estes, por não corresponderem às suas expectativas, falham em lhe servir de esteio, desaparecendo. A reação emocional a este desaparecimento revela os vestígios de seu apego primordial. Na perspectiva de um cunho narcísico em seus investimentos, o melancólico não tem como escapar de um confronto com o Supereu. Nesse postulado, vemos estes autores validando a proposta de Freud, de 1924.

O texto de 1924, “Neurose e Psicose” dá um passo a frente do artigo de 1917. Ou seja, se por um lado, em “Luto e Melancolia” o que importava era a retirada do investimento objetal e sua transferência para os objetos substitutivos, em “Neurose e Psicose” o enfoque é dado à tensão que se estabelece ao se erigir dentro do Eu uma identificação total com o objeto perdido, fomentador da tensão que citamos acima.

Diferente da psicose, a melancolia se caracteriza por uma não sustentação no tempo desta unidade corporal narcísica. Pinheiro já nos apontou esta idéia que adotamos, e ratificamos, qual seja a noção de falência da qual o melancólico tenta escapar. O problema que se coloca é de difícil compreensão. Resumiríamos com a descrição de uma tentativa de representação unificada que se dá, mas não se sustenta e de uma representação que acontece, mas não gera potência criadora. Este sujeito vê desvanecer diante de si algo que não se sustenta por falta de um investimento libidinal que tenha uma capacidade de fixação apropriada. É como se o carretel jogado pelo pequeno Ernst, neto de Freud, no momento em que o recolhe na repetição da brincadeira, só viesse a linha e este perdesse a certeza do retorno da mãe/carretel, em referência à famosa experiência descritiva do *fort-da*. É a ausência súbita do carretel que desencadeia a angústia típica do melancólico.

Tendo destacado inicialmente a perda de objeto em 1917, depois, avançamos em nossa proposta de localizar a problemática melancólica na falta de investimentos primordiais que possam oferecer identificações capazes de operacionalizar a experiência do *fort-da*. Dito de outra forma, algo acontece com a relação mãe-bebê que este último não consegue se captar no olhar dirigido a ele

nas primeiras experiências da vida. Situamos, pois, a problemática melancólica na interpretação que o sujeito faz de si frente ao desejo do outro nestes momentos primordiais, quando a experiência com a mãe deveria ter permitido a formação do Eu ideal como base para que o narcisismo se firmasse como estrutura permanente e promotora de saúde. A capacidade de representar a ausência é decorrência destas primeiras experiências tendo, como consequência, a faculdade de se iludir e imaginar um futuro melhor, sob a forma de uma promessa, imersa no simbólico, sinalizada pelo Ideal do Eu. Algo, no terreno imaginário não acontece, ou melhor, quando acontece é incerto e passageiro. A verdade crua de sua humanidade não é suavizada pelos poetas e pelos contos infantis. O melancólico sabe de sua finitude, conhece a realidade da castração e, onde a palavra, em sua polissemia, consola, no melancólico, assola, destituída desta característica, grudada a um só sentido sintático.

A decorrência desta formulação é que o Ideal do Eu deixa apontar a promessa futura e adquire o caráter de denunciador de sua incompletude e insuficiência, humilhando-o, ao invés de confortá-lo. Este aspecto de sideração primordial por um ideal que se mostra sem limite e inacessível acaba determinando um colorido ao objeto, em suas tentativas de apreensão seguidas de fracasso, que compromete seu esquema temporal. Dito de outra forma, as tentativas de se identificar com o objeto, sendo insuficientes e incertas, congela a atenção do melancólico para a instantaneidade da experiência que pode vir a ocorrer ou não, tornando-o escravo do presente, do aqui e agora. Seu futuro é uma imagem presente rebatida com toda a decadência e negatividade com que aborda a vida, e o passado é uma sucessão de imagens lembradas, fonte inesgotável de suas queixas. Certamente o melancólico não é um ser da narrativa, na medida em que não foi narrado. Não intenciona porque não foi intencionado. Faltou libido materna para animar a sequência de imagens de sua vida.

Alguns problemas podem surgir e pensamos ter esclarecido. Um deles é a constante referência a um Supereu cruel no melancólico. O rígido código moral que o melancólico porta, impedindo mediações, fala de um Supereu inflexível e violento em suas retaliações, muito mais por conta de demandar o proibido, o *status* narcísico, do que por desejar os objetos primordiais oriundos da trama edípica. A questão não é ter o objeto, mas de sê-lo.

A dificuldade de compreender o funcionamento das instâncias ideais na melancolia nos fez empreender uma leitura atenta de Marie-Claude Lambotte que solucionou e esclareceu esta configuração particular do melancólico.

Algumas figuras foram usadas pela autora na tentativa de empreender uma etiologia para a melancolia que contribuíram para fundamentar nossa hipótese. Antes de qualquer coisa, vale ressaltar que Lambotte porta uma teoria híbrida e singular, que entenderá os momentos primordiais tal como Lacan o fez com o estágio do espelho, porém, no lugar do grande outro Lambotte trabalhou com a figura da mãe, tal como o fez Winnicott.

Ao adotarmos a teoria proposta por Lambotte, propomos uma etiologia para a melancolia na perspectiva de uma gênese especular. Trata-se de uma falha na organização psíquica no registro especular onde uma insuficiência impediria que o sujeito pudesse apreender o objeto externo. Pode-se deduzir que o imaginário não pôde forjar a capacidade de modular o objeto primordial, por conta de uma mãe que se mostrou ao bebê como desafetada e desvitalizada, produzindo uma sensação de vazio descrita na clínica, tal qual uma moldura vazia, figura usada pela autora. Indo mais profundamente, a consequência constitutiva é uma imagem formada fragilmente e instâncias ideais que não comportam uma interiorização baseada em um modelo ideal totalmente exterior. Esta gênese especular é traduzida por Lambotte por três aspectos relacionados a três imagens correspondentes: a inibição generalizada com a imagem do buraco, o desfalecimento especular com a imagem de uma moldura vazia e o negativismo com a imagem do raciocínio circular.

A inibição generalizada está inserida em um modelo energético oriundo do século XIX, promovido pelo esgotamento nervoso, que abarcaria as noções de anestesia e inibição. Neste contexto, aparece a figura citada do buraco hemorrágico, como uma bomba auto-aspirante que retrata a cena vivida pelo bebê vivendo um processo de produção psíquica que não cessa de recriar o mesmo, a cada desvanecimento do objeto mãe.

Podemos encontrar determinados aspectos discursivos em que os sujeitos melancólicos, em suas queixas, denunciam o sentimento de terem sido rejeitados, feridos ou abandonados. A imagem de uma mãe que tem o poder de vida e morte em suas mãos é o suficiente para esmagar qualquer tentativa de especularização.

A idéia de uma mãe toda-poderosa é forjada a partir daquela que não coloca limites na imagem corporal em si mesma, nem no bebê, não contornando eroticamente seu mundo de investimentos, que existe, mas não se torna presente, acarretando em uma imago grande demais para uma função constitutiva. Sabemos que o olhar materno determina um esquema corporal ao concentrar libido e história. O bebê precisa ser contado e investido para que sua unidade possa ser projetada e, mais tarde, assumida imaginariamente.

A indiferença ou o ódio no olhar em que o sujeito teria se identificado pode ser traduzido pela aversão em relação a si mesmo e ao mundo, que as perdas do objeto reeditam em suas experiências posteriores e que testemunhamos clinicamente.

A referência feita ao estádio do espelho foi a forma mais clara pela qual pudemos retratar esses momentos iniciais onde a problemática melancólica tem sua âncora. A ausência ou fragilidade da imagem especular por desfalecimento erótico da imago materna passa a ter um caráter etiológico. O melancólico viu congelar à sua frente os traços da imago materna a ponto de não poder descobrir seus próprios traços, escreve Lambotte, para melhor traduzir a gravidade desta operação. A inflexão discursiva “eu não sou nada” ou mesmo “eu não valho nada” demonstram o tipo de identificação que se deu nestes momentos seminais.

O modelo ideal inacessível que se levanta diante do melancólico retrata a radicalidade da procura por descobrir rastros de um desejo capaz de lhe dar contorno e fixidez. A finalidade seria impedir que seu reconhecimento pudesse deixar de ser a nada. Enquanto não acontece, ser um nada é a única forma de existência possível. Ser um nada, então é ser alguma coisa.

Portanto, mais que a perda de objeto, é nesta falha identificatória ocasionada pela indiferença do olhar materno que situaremos a base na qual as relações futuras do melancólico consigo e com o mundo se darão.

Se tomarmos como aceitável a idéia de que o Eu ideal, imaginário, moldado como reflexo especular, só pode ser sustentado através da ratificação simbólica do Ideal do Eu, podemos deduzir os estragos decorrentes da falta deste modelo ideal primitivo. Este efeito catastrófico, que motivou o título desta tese, remete ao entendimento das instâncias ideais na melancolia. Ou seja, a falha identificatória na constituição do que deveria formar um Eu-ideal coberto de

regozijo mostra-se insuficiente para tal e, em sua evanescência, leva o melancólico a desenvolver um Ideal do Eu todo-poderoso, não resolvendo o problema auto-erótico e não dando conta da alteridade. Por isso, a busca melancólica dos objetos fica condenada e marcada pela necessidade de um amparo ideal que ele não teve e que nunca alcançará, devido ao registro parcial dos objetos.

Em resumo, o sujeito melancólico, frente à falha de sua organização decorrente da ausência de um olhar materno que teria sustentado a fundação de seu Eu, encontra-se entregue ao destino como único a poder lhe restituir um contorno narcísico.

Sublinhamos duas marcas identificatórias para compreendermos mais ainda o melancólico: a coragem e a lucidez.⁴⁸ Esses dois aspectos são geradores de vergonha, pois implicam precisar do outro. O primeiro por defendê-lo e protegê-lo e o segundo, por não permitir qualquer tipo de ingenuidade, que o remeteria a acreditar no outro e em aspectos neuróticos que não pode dominar. Neste ponto, mais uma aproximação com o homem atual é feita: saber se defender e não se iludir com nada, nem ninguém.

Nestes termos é que introduzimos o tema da vergonha. Este afeto carrega em sua experiência a revelação da desconstrução narcísica que pode ser uma condição temporária ou permanente. Permitimos-nos um paralelo audacioso com o artigo freudiano de 1917, “Luto e melancolia”. No luto neurótico, a vergonha pode ter um fim. Mas, no luto melancólico, ela pode ser uma experiência em que não haja retorno possível e, por isso, tenha que se manter escondida do outro permanentemente. Em outras palavras, o neurótico pode se apetrechar para que a experiência da vergonha não se dê ou se torne a mais remota possível. Outra coisa é o melancólico portar uma condição constitutiva insuficiente, que trará sempre vergonha ao cenário do cotidiano, podendo ser revelada. É o que acontece ao homem contemporâneo submetido a exigências que não pode cumprir, constituindo uma situação geradora de vergonha quando percebida.

Desta forma, é importante marcar que, ao falarmos da melancolia, não estamos tratando da vergonha ligada às noções de pudor e honra, mas aquela que guarda o caráter narcísico da insuficiência em seu cerne.

⁴⁸ Este raciocínio é fruto das elaborações feitas em comunicação oral por Teresa Pinheiro durante a participação no grupo de pesquisa coordenada por esta e Julio Verztman, na UFRJ.

A noção de pudor, criada no século XVI, teve a finalidade de separar o civilizado do não civilizado. Demonstramos o quanto esta noção veio se descolando da aparente associação com a vergonha.

Ao pensarmos o homem contemporâneo, testemunhamos um descolamento progressivo da noção de pudor na experiência da vergonha, assim como a idéia de honra referida não mais ao coletivo, mas ao individual. Não se trata mais da vergonha que tem por base o desnudamento, mas assume, no homem atual, um novo cunho e crescente sofrimento. Esta forma de padecimento diz respeito ao mal-estar experimentado por uma sensação de insuficiência para dar conta de si, o que lhe é exigido pela vida, acarretando a necessidade da ajuda alheia. Ou seja, aquilo que era preciso, com o nome dado por Freud (1895) de *Nebenmenschkomplex* (complexo do vizinho), para que a alteridade fosse incluída no mundo dos sujeitos e pudesse favorecer o crescimento saudável frente à imaturidade biológica, passa gradativamente a ser percebido como perigo. A lógica da totalidade referendada pela visão narcisista dos investimentos torna o homem sozinho e temeroso da ajuda alheia.

Não queremos com isso dar uma visão catastrófica do homem na contemporaneidade, por correremos o risco de sermos nostálgicos em relação à segurança ilusória dada pelos referentes oriundos da modernidade. Queremos somente afirmar que algo está mudando, e que na experiência clínica com esses sujeitos, muitas vezes podemos não reconhecer o fluxo destas mudanças.

Questionamos a propaganda da queda dos valores na contemporaneidade. Assumimos a posição de que os valores permanecem, mas deslocados para outros lugares, adotando outras dimensões.

Os motivos do aparecimento da vergonha tornam claro que algo mudou. As razões para a vivência deste afeto tornam-se cada vez mais esclarecedoras quanto ao seu cunho narcísico. Certamente o afeto da vergonha é narcisista por excelência e isso não é novidade. O que é atual e diferente do tradicional é o contexto desta forma de padecimento, assim como os motivos e a intensidade das reações defensivas contra estas experiências.

Assim, uma distinção pode ser feita como consequência da aproximação que fizemos. A experiência depressiva, longe de ter a mesma raiz, como a banalização do termo na contemporaneidade propõe, pode ser entendida em três

contextos diferentes. Identificamos uma depressão neurótica, uma depressão melancólica e uma depressão contemporânea. Esta terceira categoria é que se coloca como nosso interesse principal. A tentativa de compreender certo modo de funcionamento psíquico atual se coloca, impondo aos psicanalistas uma urgência de pensá-lo metapsicologicamente.

Uma consideração que devemos indicar como fomentadora de posteriores pesquisas é a interrogação a respeito deste *boom* depressivo. Uma hipótese ainda sem sustentação é se não estamos diante de um estilo, de uma forma de ser que não se presta à abordagem psicopatológica vigente. Reconhecemos que já houve momentos da cultura em que a depressão expressava uma forma de existir, com uma importante diferença. Em épocas anteriores, o sentimento depressivo demandava o amor do outro. O que vemos hoje é diferente, tendo o outro saído da cena fantasmática dos sujeitos.

Como marcamos no desenvolvimento desta tese, identificamos três tipos de experiência da vergonha. Uma primeira forma diz respeito àquela que toma por modelo o desnudamento frente aos outros, o que seria típico da vergonha encontrada na neurose freudiana. O segundo tipo tem como referência a não correspondência das expectativas individuais frente aos outros. O sujeito se sente aquém daquilo que espera de si mesmo, tendo como pano de fundo um mundo idealizado repleto de exigências para sua *performance*. O exemplo clássico deste segundo tipo é descrito clinicamente pelo sofrimento desencadeado pelo aparecimento do rubor nas faces, sintoma sobre o qual o sujeito não tem nenhum controle e o faz se sentir exposto a todos, revelando seu caráter ideal. Não é sem motivo que autores americanos falam de uma clínica do enrubescimento. O terceiro tipo de expressão da vergonha diz respeito a uma modalidade da vergonha relacionada com a sensação de insuficiência, tal qual a do segundo tipo, com uma diferença: a noção de segredo se encontra ausente.

A característica da ausência de segredo da terceira forma de vergonha é que será típica do sujeito melancólico e a identificamos como a do terceiro tipo. Este, longe das benesses da ilusão, é transparente portando uma verdade aterradora, a da castração inevitável.

Frente às descrições do homem atual, inferimos uma proximidade possível da vergonha sentida pelo homem comum atual com aquela experimentada pelo

melancólico. Ao compreender o sofrimento do melancólico, estamos tangenciando os ruídos discursivos do homem de hoje.

Para finalizar esta tese e dar relevância ao estudo aqui desenvolvido, propomos que o estudo da melancolia e, em particular, dos aspectos relacionados à vergonha, possa ser mais útil para se compreender a clínica atual. Não precisamos inventar um novo glossário para a contemporaneidade, nem atribuímos o mal-estar atual à falência das instituições reguladoras, generalizadamente, como se estivéssemos instalados em um caos. Devemos nos ater àquilo, em que a psicanálise pode servir de instrumento para dar um direcionamento mais criativo aos impasses atuais. Um novo estilo de viver se impõe. Uma nova forma de entender a clínica psicanalítica se torna necessária nos tempos atuais.

Ao estudar a melancolia, vemos delineada uma forma de existência própria de nossos dias, e propomos que sirva de base para uma compreensão clínica mais atual, tendo no afeto da vergonha um indicador clínico capaz de revelar a faceta oculta do narcisismo contemporâneo.

Terminamos nossos argumentos que sustentaram esta tese com a noção clara de que, em seu desenvolvimento, abriram-se muito mais vias de investigações futuras do que raciocínios conclusos.